Jornalismo Cultural: conceitos e reflexões contemporâneas[1]

Karina Maria da Silva ARRUDA[2]
Janyele Mayse Botelho de OLIVEIRA[3]
Débora TAVARES[4]
Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

Resumo

O presente trabalho é um estudo sobre o jornalismo cultural, considerando história, conceitos e reflexões contemporâneas sobre este ramo do jornalismo, sem desconsiderar os conceitos de cultura e a relação existente entre ela e a sociedade. Para alcançar os objetivos da pesquisa foi realizada uma pesquisa bibliográfica, onde foram estudados alguns dos principais autores sobre o tema na atualidade. Chega-se à conclusão que o jornalismo cultural da contemporaneidade é muito diferente do original, pois "perdeu" seu lado opinativo e crítico da cultura e tornou-se um jornalismo mais dedicado à divulgação de eventos culturais.

Palavras-chave: Comunicação; Jornalismo; Jornalismo Cultural.

1. Introdução

O jornalismo cultural ganha cada vez mais espaço entre o público leitor. Os cadernos culturais têm grande importância para a relação do jornal com o leitor e vice-versa, pois as seções culturais estão entre as páginas mais lidas dos grandes jornais e revistas.

Entretanto este consiste em mais do que emitir opiniões sobre livros, filmes, eventos e outros elementos culturais. A riqueza de temas que pode ser abordada é ampla, porque a cultura está em tudo que é produzido pelo espírito humano.

---

[1] Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de junho de 2011.

[2] Estudante de Graduação do 3º semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UFMT, email: karinaturismologa@hotmail.com.

[3] Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da UFMT, email: janyele_oliveira@hotmail.com.

[4] Orientadora do trabalho. Professora Dra. Do Curso de Comunicação Social da UFMT, Professora do Programa de Pós-graduação de Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO/ UFMT e líder do grupo de pesquisa de estudos de mídia e cultura- EMiC, email: debora.tavares@terra.com.br.

2. A Cultura e a Civilização

A palavra cultura possui diversos e diferenciados significados. Embora a sua origem seja facilmente identificada. Segundo Gomes (2009, p. 4), "A palavra "cultura" deriva do vocábulo latino *culturam*, referindo-se ao ato de cultivar o solo ou à técnica empregada nessa atividade. [...] A aplicação do termo em relação à sociedade, porém, só se tornou comum na segunda metade do século XVIII."

Diferentemente da origem, o significado de cultura possui muitas conceituações com diferentes e contraditórios pontos de vista. Siqueira (2007, p. 110) afirma que "Estamos diante de um paradoxo: para construir um conceito como o de cultura, é preciso estar vinculado a uma determinada forma de ver o mundo chamada também de cultura." Ainda segundo a autora:

> As primeiras tentativas de definir o termo cultura foram elaboradas por antropólogos evolucionistas como Tylor, Morgan e Frazer. Tylor definiu cultura como um todo complexo que inclui uma infinita gama de esferas da ação humana, indo da linguagem até a economia. A despeito da tentativa de forjar um conceito científico, a palavra cultura, oriunda do latim, significava no século XIII os cuidados dispensados à terra ou ao gado (Cuche, 1999). Na metade do século XVI, o termo cultura foi empregado para designar o desenvolvimento de uma faculdade humana da mesma forma que se cultivava o solo. É interessante notar que o sentido do termo sofre uma transformação, passando do cultivo de alguma coisa para cultura como uma ação de aprimorar o homem. Não obstante, da cultura da terra à cultura do espírito humano, tem-se a passagem de um plano concreto para um plano abstrato: o pensamento (SIQUEIRA, 2007, p. 111).

No período do Iluminismo, durante o século XVIII, cultura passa a ser compreendida como a formação ou educação do espírito. "Em seguida, houve uma inversão nessa estrutura: passando a cultura – ação de educar – a designar o indivíduo que fosse ou não seu portador. De uma ação, instruir, passa-se a um estado: ter ou não ter cultura." (SIQUEIRA, 2007, p. 111).

A partir da visão dos Iluminismo, que aceita como humano aquele que tem cultura, estabeleceu-se a divisão da sociedade em dois elementos distintos: os povos com formação educacional passam a ser vistos como civilizados e aqueles sem formação como selvagens. Entretanto, ainda segundo Siqueira, Rousseau tinha uma visão contrária, embora ainda preservasse a dicotomia da cultura. Para ele,

> o indivíduo possuidor de cultura não foi visto como algo positivo, muito ao contrário, ganhou uma carga negativa. Os povos que "não possuíam cultura", não socializados, foram valorizados justamente por não terem

> ainda sufocado sua essência natural que, para Rousseau, era boa (SIQUEIRA, 2007, p. 111).

O significado da palavra cultura é tão complexo e possui tantas definições diferentes que os antropólogos Alfred L. Kroeber e Clyde Kluckhohn registraram a existência de 164 diferentes definições de cultura, em 1952, que "podem ser reduzidas a dois grupos: o primeiro, restrito, referindo-se a como um grupo organiza seu repertório simbólico, e o segundo, amplo, abrangendo todo o conjunto tecnológico transmissível." (GOMES, 2009, p. 4).

Destes grupos se originaram as visões antropológica e humanista da cultura. "A antropologia vê na cultura uma natureza plural e relativista [...] Já os humanistas a associam a alguns produtos do espírito humano apontados como culturais – ex: poesia, música, pintura -, o que faz com que considerem que algumas pessoas têm cultura e outras não. (GOMES, 2009, p. 4). A visão humanista considera que as artes levam o homem a um estado de perfeição mental. Daí surge a distinção entre as culturas popular e erudita. Ainda segundo o mesmo autor, estas visões são frutos da obra do filósofo alemão Johann Gottfried von Herder.

> Estas visões distintas vêm do século XVIII e têm raízes na obra do filósofo alemão Johann Gottfried von Herder. Ele é considerado o fundador tanto do sentido antropológico da cultura, ao defender a pluralidade das culturas humanas, quanto do humanista, ao enxergar no trabalho artístico e intelectual o ponto máximo da expressão cultural. Enquanto seu conterrâneo Immanuel Kant opunha os conceitos "cultura", relacionado aos valores morais do indivíduo, e "civilização", associado aos valores materiais, Herder integrava-os, ao ver na cultura não só o que homem pensa, mas também o que faz. Ao se referir a tensões entre divisões dentro de uma mesma cultura ("subculturas") ou nas relações entre diferentes culturas, Herder também antecipou a visão marxista da sociedade como uma arena onde se dá a luta de classes (GOMES, 2007, p. 4).

Alfred L. Kroeber, em 1917, dizia que a cultura só era explicável em seus próprios termos e não sob prismas psicológicos ou racistas. Afirmava ainda que a cultura é superorgânica, não sendo resultado das ações humanas, mas ao contrário, ela é a condutora dessas ações e possui lógica própria e independente. Gomes afirma ainda que,

> A antropologia cultural adotou várias linhas de investigação. Uma delas, a simbolicidade da cultura, afirma que todos os elementos culturais – fala, objetos, ações – têm um significado próprio, o que os torna signos, permitindo a caracterização das culturas como sistemas

> de símbolos e a aplicação da semiótica para seu estudo (GOMES, 2007, p. 5).

Segundo a autora Siqueira (2007, p. 112) "Para entender o que hoje podemos chamar de jornalismo cultural, é preciso considerar a forma como a noção de cultura foi especialmente construída na França e na Alemanha do século XVII."

> No século XVIII, falamos de cultura como sendo a expressão do que há de mais singular em cada povo da face da Terra e que não se confunde com nenhum outro. Temos, portanto, a noção alemã Kultur, pensada pelos intelectuais alemães do século XVIII Para burgueses e intelectuais, os modos, gestos, costumes e hábitos da aristocracia alemã, tidos como refinados, eram manifestações falsas e superficiais copiadas da civilização francesa. Em oposição ao estilo de vida superficial das cortes, estariam os autênticos valores culturais que expressariam o espírito alemão (Cuche, 1999 apud SIQUEIRA, 2007, p. 112).

Contrária à noção alemã da cultura, estava a visão francesa que via a cultura como universal, comum a toda a humanidade. Siqueira (2007, p. 112) afirma que para os franceses "cultura seria sinônimo de civilização na língua francesa do século XVIII. Cultura e civilização significavam a totalidade dos saberes tais como as artes, as letras, a ciência e a filosofia, que permitem que o homem se diferencie da natureza."

A visão francesa entende a cultura e civilização como sinônimos. Sob esta visão, um povo sem civilização não tinha cultura. Para Siqueira (2007, p. 112) "Civilização é uma noção carregada de valores etnocêntricos e evolucionistas ao tomar a França como sendo a nação mais civilizada dentre todas. Povos diferentes trazem a capacidade de se civilizar. Ou seja, de se aproximar e um dia ser iguais à França." Ainda segundo a autora, os critérios que eram utilizados para julgar um povo em civilizado ou não-civilizado era o desenvolvimento tecnológico e científico nos séculos XVIII e XIX.

> No século XVIII, enquanto civilização significava para os franceses o desprendimento do homem da irracionalidade do mundo natural, selvagem e desordenado, para os intelectuais alemães implicava formas ilusórias, epifenomenais e não verdadeiras copiadas pelos membros das cortes. *Kultur*, a verdadeira e profunda cultura de um povo, seria a oposição simétrica da noção de civilização, algo superficial e efêmero (SIQUEIRA, 2007, P. 112).

Para Siqueira (2007, p. 112) o Jornalismo Cultural poderia se aproximar do sentido de *Kultur* ao "ao expressar valores, idéias e modos de ser de um povo, revelando aspectos internos, ocultos, profundos." Ela afirma ainda que "A ênfase de uma parte do jornal como sendo eminentemente cultural parece obedecer à mesma dicotomia entre

civilização e cultura para os intelectuais alemães." (SIQUEIRA, 2007, p. 113). Isso explica também a abordagem dos cadernos culturais com temas ligados às artes, às letras, à filosofia, à religião, à dança. Enfim, assuntos que valorizam as realizações interiores e espirituais do ser humano, tomando uma posição contrária às visões que reconhecem na cultura todo e qualquer tipo de produção humana.

3. História do Jornalismo Cultural

3.1 Origem e Evolução do Jornalismo Cultural

Não há como afirmar com certeza quando surgiu o chamado jornalismo cultural, embora Piza (2003, p. 12) afirme que ele é produto de uma era que se inicia depois do Renascimento. Nesse período as máquinas já transformavam a economia, a imprensa já havia sido por Gutemberg e o Humanismo se espalhava por toda a Europa.

Uma das publicações mais antigas que se tem conhecimento a abordar esse ramo do jornalismo é a revista francesa *Journal des Savants* de 1665 que, segundo Gomes (2009, p. 10), veiculava "resumos de livros lançados na Europa, bibliografia de escritores famosos e artigos sobre literatura, filosofia e ciências."

Um dos escritores de grande importância para a origem do jornalismo cultural foi o britânico Daniel Defoe, "autor de *Robinson Crusoé*, que durante quase dez anos (1704-1713) escreveu sozinho *Review*, um periódico da corte." (PIZA, 2003, p. 13).

Mas é do ano de 1711 que data um dos marcos do jornalismo cultural, quando dois ensaístas ingleses, Richard Steele e Joseph Addison, fundaram a revista diária *The Spectator*, com a finalidade de "Tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para clubes e assembléias, casas de chá e cafés." (PIZA, 2003, p. 11). Essa revista falava de livros, óperas, costumes, festivais de música e teatro, política.

> Desde o começo do século XVIII, com a produção pioneira de jornalistas-escritores como Swift, Defoe, Addison e Steele para periódicos como The Taler, The Spectator, The Review e The Examiner, o campo do chamado Jornalismo Cultural não parou de crescer e se expandir no mundo inteiro, com um aspecto mais de *haute vulgarisation* e do profundo processo de socialização e diversificação cultural deflagrado pela imprensa de Gutenberg em meados do século XV (RIVERA, 2000, p.41 apud LOPEZ e FREIRE, p.3).

Foi também neste período que surgiu o pai de todos os críticos culturais, Samuel Johnson, ou simplesmente Dr. Johnson, que escrevia em *The Rambler*. Segundo Piza (2003, p.13) "suas resenhas da prosa e poesia de seus contemporâneos, seus ensaios

sobre Shakespeare, seus estudos sobre a língua inglesa, suas reflexões sobre todos os assuntos [...] fizeram dele o homem de letras mais lido e temido de seu tempo."

Depois de Dr. Johnson, William Hazlitt que escrevia em *The Examiner* foi um dos escritores mais importantes do jornalismo cultural. Piza (2003, p.14) afirma que ele guiava o gosto de toda uma geração no final do século XVIII.

Piza (2003, p. 13) afirma que "Iniciava-se então, graças ao poder multiplicador da imprensa, uma era de ouro do jornalismo europeu, tão influente na modernidade quanto as revoluções políticas, as descobertas científicas, a educação liberal ou o romance realista."

Lopez e Freire (p. 3) explicam que "O crescimento do Jornalismo Cultural em outros centros urbanos europeus se deu no mesmo século, com o fortalecimento dos estados nacionais e o surgimento do público e demanda por produtos culturais."

> Sérgio Luiz Gadini (2003b) destaca que, em Lisboa, isso acontece a partir do ano de 1755. O autor ressalta que foi apenas nos anos de 1800 que se pôde encontrar vestígios históricos de uma atividade cultural mais intensa, em Paris, Barcelona e algumas cidades italianas (LOPEZ e FREIRE, p.3).

Em meados do século XIX, quando a industrialização já tinha tomado conta da Europa e da história, o ensaísmo e a crítica cultural se tornaram ainda mais influentes. (PIZA, 2003, p. 15). Críticos como o inglês John Ruskin e o francês Marcel Proust, que escrevia no *Le Figaro* e foi influenciado pelo primeiro, marcaram essa época.

A história do jornalismo cultural também registra críticos antecessores, como o Sainte-Beuve, que é considerado o papa francês da crítica oitocentista. Este escrevia nos jornais *Le Globe* e *Le Constitutionnel* no início do século XIX. "Depois dele o jornalista cultural ganhou status: ele poderia desenvolver uma carreira exclusivamente como crítico e articulista, independente de academias ou de uma obra ficcional; a tarefa tinha sua própria dignidade." (PIZA, 2003, p. 15). No século XVIII, período iluminista, encontramos Denis Diderot, editor-chefe da *Enciclopédia* e grande crítico de arte da época. E no início do século XIX o poeta Charles Baudelaire. A diferença entre esses dois e Sainte-Beuve é que este último adquiriu reputação apenas por seu trabalho como crítico.

Neste período encontra-se as referências aos chamados folhetins, que eram os espaços dos rodapés dos jornais. Gomes explica:

> Este espaço do rodapé ficou consagrado com o nome de folhetim, principalmente a partir da publicação de *Les Mystères de Paris*, de Eugène Sue, no *Journal des Débats* de junho de 1842 a outubro de 1843. Sue não era o primeiro: o *La Presse* já trouxera *La Vieille Fille*, de Honoré de Balzac, em capítulos diários em 1836. No folhetim, além de romances, eram publicados contos, novelas, crítica literária, artística e política (GOMES, 2009, p. 10).

Na Alemanha, no século XVIII o crítico mais famoso foi G.E Lessing que analisava as produções do teatro, literatura e pintura da capital alemã. Este escrevia para o jornal *Berlinische Privilegirte Zeitung*. E no século XIX tivemos Heinrich Heine "outro grande poeta, que mesclava crítica social e polêmica literária – que, na verdade, o fizeram perseguido em seu país e popular na França." (PIZA, 2003, p. 16).

> O irlandês George Bernard Shaw, em sua atuação na imprensa inglesa, inovou a atividade ao considerar na análise estética aspectos sociais e políticos. Enquanto o também irlandês Oscar Wilde defendia que a crítica cultural era uma forma de arte, Shaw ia mais longe, reivindicando para o jornalismo o status de mais alta forma de literatura. Quanto a jornalismo ser literatura, concordavam com ele o brasileiro Alceu Amoroso Lima e o americano T. S. Eliot (GOMES, 2009, p. 10).

O jornalismo cultural não ficou apenas na Europa, no século XIX ele chegou às Américas e se tornou influente em países como o Brasil e os Estados Unidos. "Nos EUA pré-Guerra Civil, a figura maior da crítica (...) foi Edgar Allan Poe". (PIZA, 2003, p. 16). Já no século XIX o ensaísta e articulista Henry James escrevia nos jornais e revistas de Nova York, como o *New Yorker Tribune*.

"Mas no final do século XIX o jornalismo começou a mudar e, com ele, o estilo da crítica cultural feita em periódicos." (PIZA, 2003, p. 17). No mesmo período, em Londres, o irlandês George Bernard Shaw foi crítico de arte, teatro, literatura e música em *Saturday Review* e *The World*.

> Sua coluna semanal iniciada nessa publicação em 1890 e intitulada simplesmente "G.B.S." misturava polêmica política, observação social e análise estética, era discutida em toda a Inglaterra (e sua repercussão chegava a outros países, especialmente os EUA) e criou um novo modelo de jornalismo cultural.
> As críticas das artes saíram de seu circuito de marfim: Shaw as lançou no meio da arena social, exigindo que se comprometessem com as questões humanas vivas, mostrando, por exemplo, que uma ópera de Mozart era composta de muito mais elementos que as belas melodias e o figurino pomposo. O crítico cultural agora tinha de lidar com idéias e realidades, não apenas com formas e fantasias (PIZA, 2003, p. 17).

Em Viena, Karl Kraus fundou a revista *Die Fackel* em 1899. Nesta revista "unia sátira política e comentário estético e que ele mais tarde passou e escrever inteiramente sozinho, até ser fechada em 1936 por causa da tirania nazista." (PIZA, 2003, p. 18).

Deste modo, o jornalismo cultural começou a se renovar e tomar nova forma. Como retrata Piza (2003, p. 18) "Até a virada para o século XX, o jornalismo era feito de escasso noticiário, muito articulismo político e o debate sobre livros e artes. Mas a modernização da sociedade transformou também a imprensa". O jornalismo cultural acompanhou as mudanças ocorridas no jornalismo e tomou uma forma mais moderna. Ainda segundo Piza (2003, p. 19), começou a utilizar a reportagem e a entrevista, além de fazer críticas de arte mais breves e participantes.

3.2 O Jornalismo Cultural no Brasil

O jornalismo cultural no Brasil, segundo Piza (2003, p. 16) "só ganharia força no final do século XIX e dele nasceria o maior escritor nacional, o nosso Henry James, Machado de Assis". O autor foi crítico de teatro e polemista literário, escreveu ensaios e resenhas. Outros autores literários que também deram sua contribuição ao jornalismo cultural foram o José Veríssimo, editor da *Revista Brasileira*, Sílvio Romero e Araripe Jr. Gadini aponta outra origem:

> Como se sabe, esse processo só vai acontecer no Brasil – ainda que de forma lenta, devido ao alto índice de analfabetismo, baixa concentração urbana, dentre outros fatores – a partir do século XIX, tendo como marco a vinda da família real em 1808. Na prática, em termos urbanos e públicos, só vai ser possível falar em consumo e crítica cultural algumas décadas mais tarde. Ou, para ser mais exato, a partir das últimas décadas daquele século. E, de modo mais significativo, a partir dos anos 1930 (GADINI, 2003a, p. 217 apud LOPEZ e FREIRE, p. 4).

Lopez e Freire ainda fazem mais um apontamento acerca do jornalismo cultural no Brasil. Eles citam Rivera:

> De forma complementar, Rivera (2000) atribui esse crescimento nas primeiras décadas do século XX ao aparecimento dos movimentos culturais e literários de vanguarda que publicaram diversas revistas com suas propostas ideológicas e estéticas. Entre elas estão *Klaxon, Revista de Antropofagia, Estética, Terra Roxa, Leitura, Don Casmurro, Diretrizes, Espírito Novo, Hierarquia*, etc. (LOPEZ e FREIRE, p. 4).

Depois da geração de Machado de Assis e José Veríssimo, segundo Piza (2003, p. 32) os jornais e revistas brasileiras "vão dar mais espaço ao crítico profissional e informativo, que não só analisa as obras importantes a cada lançamento, mas também

reflete sobre a cena literária e cultural". Muitos escritores brasileiros passaram pelo jornalismo e pela crítica, antes mesmo da literatura, devido às dificuldades de se viver dela no Brasil. Exemplos são os escritores Lima Barreto e Mário de Andrade. O último foi ensaísta e crítico sobre música e literatura, embora também abordasse as artes visuais e temas como o folclore e a política cultural.

Em 1928 surgiu a revista *O Cruzeiro*, que marcou a época por publicar contos de autores como José Lins do Rego e Marques Rebelo, artigos de Vinícius de Moraes e Manuel Bandeira, ilustrações de Anita Malfatti e Di Cavalcanti, colunas de José Cândido de Carvalho e Rachel de Queiroz entre outros nomes importantes. A revista foi a mais importante do Brasil nas décadas de 30 e 40.

Dos anos 40, na revista *Diretrizes*, data uma das poucas publicações do jornalismo brasileiro na reportagem literária. Essa abordagem rara no jornalismo cultural brasileiro, segundo Piza (2003, p. 33) "se explica pela economia (revistas com textos longos sempre foram vistas como comercialmente inviáveis), mas também pela cultura (o jornalismo cultural brasileiro amadureceu tardiamente". A crônica, no entanto, sempre teve espaço nas revistas e jornais produzidos no Brasil, sendo, portanto, uma modalidade do jornalismo cultural brasileiro.

"A grande época da crítica em jornal no Brasil começaria também nos anos 40 e se estenderia até o final dos anos 60." (PIZA, 2003, p. 34). Dois nomes ficaram famosos neste gênero, Álvaro Lins e Otto Maria Carpeaux. "Ambos combinavam em seus textos o jornalismo e o enciclopedismo, com visões políticas sensatas e apurado estilo ensaístico." (PIZA, 2003, p. 34). Trabalharam no jornal *Correio da Manhã* ao lado de Graciliano Ramos, Aurélio Buarque de Holanda, Carlos Drummond de Andrade e Antonio Callado. Ainda segundo Piza, Álvaro Lins

> estabeleceu um padrão com seu Rodapé Literário, fazendo a chamada crítica "impressionista" - em que o crítico descreve em primeira pessoa suas impressões sobre o livro -, mas com um padrão de exigência e argumentação inéditos na imprensa brasileira, porque livre das forças do compadrio e da conveniência (PIZA, 2003, p. 35).

Carpeaux, que era austríaco e emigrara para o Brasil em 1939 e se naturalizara brasileiro em 1944, era autor "mestre" de ensaios curtos e das resenhas ensaísticas. Refletiu sobre a literatura e a cultura brasileiras, derrubando mitos e selecionado clássicos autores brasileiros como Machado de Assis, Carlos Drummnod e Graciliano Ramos.

Muitos outros críticos também foram importantes para o jornalismo cultural das décadas de 40 e 50, como Sérgio Buarque de Holanda, Augusto Meyer, Brito Broca e Franklin de Oliveira. Os dois grandes críticos de cinema do país Moniz Viana e José Lino Grunewald. Os polemistas Paulo Francis e Carlos Heitor Cony, além de Ruy Castro, Sérgio Augusto e Nelson Rodrigues.

No final da década de 50 o *Jornal do Brasil,* foi que praticamente instituiu o lide no jornalismo brasileiro. Além disso, este jornal criou o *Caderno B,* precursor do moderno jornalismo cultural brasileiro. Neste período ainda destacavam-se os jornais *Última Hora* e *Diário Carioca*.

"No início dos anos 60, outro marco histórico é criado, agora em São Paulo: o *Suplemento Literário* de *O Estado de S. Paulo*". (PIZA, 2003, p. 37). Esse suplemento lançou um modelo que foi seguido por todos os cadernos de outros jornais da época e segundo Piza tornou os anos 60 a "década mais memorável do jornalismo cultural brasileiro." (PIZA, 2003, p.37).

Paulo Francis é mais um dos críticos que surgiram nesse período. Foi crítico de teatro no *Diário Carioca* e desejava um teatro com mais autores nacionais e mais profissionalismo. Anos mais tarde Francis ampliou sua abordagem para o jornalismo cultural em geral e tornou-se jornalista do Correio da Manhã. Pouco mais de três décadas depois, foi comentarista da TV Globo e de mesa-redonda no canal GNT.

Nos anos 60, Francis ainda participou de duas revistas que entraram para a história do jornalismo cultural, a revista *Senhor* e a *Diners*. Ambas traziam reportagens interpretativas, crítica cultural, inéditos literários, humor, roteiro e seções de moda e comportamento. No final da década de 60 ainda participou de mais um experimento, *O Pasquim,* um tablóide que reunia humor, política e cultura.

Foi nos anos 80 que os dois principais jornais paulistas *A Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* criaram seus cadernos culturais diários, a *Ilustrada* e o *Caderno 2.* Em *Ilustrada*, as reportagens possuíam tom autoral, e o autor, "misto de repórter e crítico [...] endossava opinativamente aquilo que anunciava. (PIZA, 2003, p. 40). Este caderno manteve esse estilo até os anos 90, quando a opinião diminuiu e a agenda passiva passou a ser mais explorada.

O *Caderno* 2 teve seu apogeu no final dos anos 80, com jornalistas como Wagner Carelli, Zuza Homem de Melo, Enio Squeff e outros. Já na década de 90 o *Caderno 2* abordava mais o teatro, literatura e arte, perfil que segundo Piza "permanece

mais ou menos até hoje, sem a mesma qualidade de texto e a mesma força de opinião". (PIZA, 2003, p. 41).

"Outra característica dos anos 90 é a presença cada vez maior de assuntos que não fazem parte das chamadas "sete artes" (literatura, teatro, pintura, escultura, música, arquitetura e cinema), como moda, gastronomia e design. (PIZA, 2003, p. 41).

4. O Jornalismo Cultural: conceituações e reflexões a respeito do seu papel

Como vimos anteriormente, o significado de cultura por si só já é complexo e amplo. O jornalismo cultural, por sua vez, passou por muitas transformações ao longo do tempo. Então o que é jornalismo cultural?

Segundo Frias (2001 apud CUNHA, FERREIRA e MAGALHÃES, 2002, p. 4), "poderíamos afirmar que o jornalismo é sempre cultural na medida em que exprime o gesto humano dentro de contextos ideológicos, políticos, enfim, dentro da tessitura social e de relações". Diante disso, o jornalismo cultural "tende a optar por um conceito mais restrito de "cultura", que se concentra nas atividades artísticas e no entretenimento." (CUNHA, FERREIRA e MAGALHÃES, 2002, p. 4).

O jornalismo cultural é, ou pelo menos deveria ser, mais do que a divulgação dos produtos das setes artes ou de entretenimento. Basso (2006, p. 2), diz que "Se por Jornalismo Cultural fosse entendida apenas a veiculação do gosto literário-artístico, deveria, então, ser chamado de Jornalismo de Artes". Para a autora a definição mais abrangente e coerente de jornalismo cultural é a formulada por Jorge Rivera, que o conceitua como:

> [...] uma zona muito complexa e heterogênea de meios, gêneros e produtos que abordam com propósitos criativos, críticos, reprodutivos ou divulgatórios os terrenos das 'belas artes', as 'belas letras', as correntes do pensamento, as ciências sociais e humanas, a chamada cultura popular e muitos outros aspectos que têm a ver com a produção, circulação e consumo de bens simbólicos, sem importar sua origem ou destinação (RIVERA, 2003, p. 19 apud BASSO, 2006, p. 2-3).

Já Gomes (2009, p. 8) conceitua o jornalismo cultural como "o ramo do jornalismo que tem por missão informar e opinar sobre a produção e a circulação de bens culturais na sociedade. Complementarmente, o jornalismo cultural pode servir como veículo para que parte desta produção chegue ao público."

> [...] é certo que a imprensa reflete e, ao mesmo tempo, forma certa concepção social de cultura. Por intermédio daquilo que elege como

> pauta e do destaque que dá a alguns fatos em detrimento de outros, interfere no consumo social dos bens culturais. Logo, a cobertura realizada pela imprensa dinamiza e documenta o campo artístico e cultural, age na formação de públicos e fornece parâmetros de valor para a interpretação da cultura de um determinado local e época (SEGURA, GOLIN e ALZAMORA, p. 2).

É por isso que o jornalismo cultural não deveria se dedicar quase que exclusivamente à agenda, como tem acontecido desde a década de 90 em muitos periódicos existentes no Brasil.

> o papel do jornalismo cultural não é apenas anunciar e comentar obras e lançamentos, assim como seus autores, nos diversos setores das artes. É também refletir e, com isso, causar uma reflexão na população sobre vários aspectos que cercam o comportamento e hábitos sociais, fazendo contato com a realidade político-econômica da qual a cultura é parte integrante. Cultura é expandir horizontes, contribuindo dessa maneira para enxergar melhor o que há ao redor, e é sob esse olhar que a cultura deve estar presente no jornalismo cultural (PADILHA e PASSOS, 2007, p. 13).

Riviera também analisa o jornalismo cultural, sob o ponto de vista do seu papel, levando em consideração a responsabilidade social existente:

> o melhor jornalismo cultural é aquele que reflete lealmente as problemáticas globais de uma época, satisfaz demandas sociais concretas e interpreta dinamicamente a criatividade potencial do homem na sociedade (tal como se expressa em campos tão variados como das artes, das idéias, das letras, das crenças, das técnicas etc.) (RIVEIRA, 2003, p. 11 apud BASSO, 2006, p. 5).

Para melhor compreensão é preciso entender que o jornalismo cultural, como diz Basso (2006, p. 10) "realiza a *difusão* e a *análise crítica* das culturas - formatando um fórum público de manifestação do pensamento". Neste trecho a autora afirma que o jornalismo cultural tem um duplo papel, o de analisar e divulgar os produtos da chamada cultura ilustrada ou sete artes (literatura, pintura, escultura, teatro, música, arquitetura e cinema), mas também abrange a cultura popular, que revelam os hábitos sociais do cotidiano através do modo de ser e se portar.

É necessário que o jornalismo cultural, e que o jornalista por conseguinte, tenha uma visão cultural desprovida de preconceitos ou discriminações quanto à cultura de massas, popular ou erudita. Deve observar a cultura de modo amplo e sem divisões etnocêntricas e discriminatórias, para que o seu papel seja desempenhado de forma ampla, clara e imparcial.

5. Considerações Finais

As observações e autores apresentados nesta pesquisa visavam cumprir o objetivo inicial de compreender como o jornalismo cultural se situa na contemporaneidade, em comparação aos antigos formatos, e quais são as visões dos estudiosos a respeito de sua formatação atual. Não era, pois, objetivo deste artigo fazer julgamento de valor sobre um outro formato do ramo jornalístico apresentado.

Verifica-se que o jornalismo cultural, desde sua origem, veio se modificando ao longo do tempo. O formato e assuntos abordados atualmente, bem como a construção dos textos são diferentes dos encontrados nos séculos XVIII, XIX, e início de XX, como demonstram os autores estudados.

Percebe-se, no entanto, uma necessidade de abordagens mais completas e amplas no jornalismo cultural contemporâneo. É preciso analisar a cultura como algo mais amplo, que vai além dos produtos da Indústria Cultural.

Referências

BASSO, Eliane Fátima Corti. **Jornalismo Cultural**: uma análise sobre o campo. 2006. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1869-1.pdf>. Acesso em: 1 mai. 2011.

CUNHA, Leonardo Antunes; FERREIRA, Nísio Antônio Teixeira; MAGALHÃES, Luiz Henrique Vieira de. **Dilemas do jornalismo cultural brasileiro**. 2002. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-ferreira-magalhaes-dilemas-do-jornalismo.pdf>. Acesso em: 1 mai. 2011.

GOMES, Fábio. **Jornalismo Cultural**. Brasileirinho Produções, 2009. Disponível em: <www.jornalismocultural.com.br/jornalismocultural.pdf>. Acesso em: 1 mai. 2011.

LOPEZ, Débora; FREIRE, Marcelo. **O jornalismo cultural além da crítica:** um estudo das reportagens na revista Raiz**.** Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/lopez-debora-freire-marcelo-jornalismo-cultural.pdf>. Acesso em: 1 mai. 2011.

MAGALHÃES, Marina. **Polarizações do Jornalismo Cultural**. João Pessoa, PB: Marca de Fantasia, 2010. Disponível em: <www.marcadefantasia.com/ebook/jornalismo-cultural-ebook.pdf>. Acesso em: 1 mai. 2011.

PADILHA, Amanda dos Santos; PASSOS, Juliane Fioravante Freitas. **A Internet e o Jornalismo Cultural:** estudo de caso do *site* Overmundo. Ribeirão Preto, 2007. Disponível em: <www.overmundo.com.br/.../a-internet-e-o-jornalismo-cultural-estudo-de-caso -do-site-overmundo>. Acesso em: 1 mai. 2011.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

SEGURA, Aylton; GOLIN, Cida; ALZAMORA, Geane. **Jornalismo Cultural:** trajetórias e reflexões. Disponível em: <www6.ufrgs.br/lead/producao.../6.Segura_golin_alzamora.pdf>. Acesso em: 1 mai. 2011.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; SIQUEIRA, Euler David de. **A Cultura no Jornalismo Cultural**. 2007. Disponível em: <http://www.ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina/index.php?journal=edicao&page=article&op=viewFile&path[]=5&path[]=15>. Acesso em: 1 mai. 2011.